

# POR UMA PSICOLOGIA DA LIBERTAÇÃO: RELATOS DE UM GRUPO DE PESQUISA

ELÍVIA CAMURÇA CIDADE<sup>1</sup>  
POLIANA SILVEIRA FONTELES<sup>2</sup>  
MARLLA RÚBYA FERREIRA PAIVA<sup>3</sup>  
VICENTE ABDIAS FERNANDES<sup>4</sup>

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo apresentar o andamento das atividades do Grupo de Pesquisa “Psicologia da Libertação”, vinculado à PROIC/FLF. O andamento das atividades do Grupo que se reúne semanalmente se deu em três etapas: facilitação de Oficina de Pesquisa em Psicologia Social, revisão geral sobre categorias psicológicas que tem como referencial a Psicologia da Libertação e construção de um bando de dados de trabalhos elaborados a partir da perspectiva da Libertação, o que traz como potencialidade a proposição de um caminho de intervenção em psicologia que se fundamente no compromisso social, na conscientização e na luta reivindicatória e política.

**Palavras-chave:** *Psicologia. Libertação. Práxis.*

## INTRODUÇÃO

A psicologia, durante longo período, manteve-se distanciada das questões das maiorias populares (BOCK, 2003), sobretudo ao formular conhecimentos que mais contribuíam para a manutenção do *status quo* do que com a crítica às situações promotoras de estigmatização, exclusão e desigualdade sociais. Tratava-se, como afirma Bock (2003), de uma psicologia de costas para a realidade social, dotada de referenciais teóricos e interventivos responsáveis pela individualização dos comportamentos e das causas do sofrimento humano.

É no contexto geral da crise do capitalismo ocorrida em 1970, que a psicologia, juntamente com outros campos científicos, começa a ser questionada quanto a “impossibilidade de realizar-se, plenamente, como ciência burguesa, cumprindo uma tarefa de classe” (WOLF, 2009, p.114). Instaura-se, como bem afirma Martín-Baró (1998), a necessidade revisar profundamente os pressupostos fundamentais da

---

<sup>1</sup> Psicóloga (UFC). Mestre em Psicologia (UFC). Especialista em Gestão em Saúde Pública (UECE). Docente do Curso de Psicologia da Faculdade Luciano Feijão. Coordenadora do Grupo de Pesquisa: “Psicologia da Libertação e suas contribuições para atuação do psicólogo”, financiado pela PROIC/FLF. E-mail: eliviacamura@hotmail.com

<sup>2</sup> Acadêmica de Psicologia da Faculdade Luciano Feijão. Pesquisadora Bolsista do Grupo de Pesquisa: “Psicologia da Libertação e suas contribuições para atuação do psicólogo”, financiado pela PROIC/FLF. E-mail: polinhazinha@gmail.com

<sup>3</sup> Acadêmica de Psicologia da Faculdade Luciano Feijão. Acadêmica de Pedagogia (UEVA). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa: “Psicologia da Libertação e suas contribuições para atuação do psicólogo”, financiado pela PROIC/FLF. E-mail: marlla.ruby@hotmail.com

<sup>4</sup> Acadêmico de Psicologia da Faculdade Luciano Feijão. Pesquisador do Grupo de Pesquisa: “Psicologia da Libertação e suas contribuições para atuação do psicólogo”, financiado pela PROIC/FLF. E-mail: vafsobral@hotmail.com

concepção psicológica, anunciando os caminhos de elaboração de uma práxis comprometida com os setores populares.

Diante deste cenário, os caminhos para elaboração de uma psicologia que se propunha a ser crítica, assim como aponta Wolf (2009), somente pode ser observado mediante a historicização da sociedade e da própria psicologia. Afinal, percebe-se que “a psicologia que resgata a força condicionante da história tornou-se mais sensível para o entorno, o político, o econômico e o geral, como fonte de pressão sobre a constituição individual” (WOLF, 2009, p.103). É deste processo de redimensionamento do saber psicológico que emerge a Psicologia Social da Libertação ou Psicologia da Libertação, que propõe uma nova prática, uma nova teoria e uma nova ética, capaz descentrar sua atenção da busca por *status* científico (MARTÍN-BARÓ, 2009).

A Psicologia da Libertação anuncia caminhos de uma psicologia social contextualizada, histórica e sociológica, comprometida com as classes marginalizadas, que dá preferência aos enfoques baseados no conflito social e no pensamento materialista histórico e dialético para compreensão dos fenômenos (ÁLVARO, GARRIDO, 2006). Sofreu influências da Teologia da Libertação, que deu início ao movimento de libertação iniciado na década de 1970 na América Latina e contribuiu para formulações nos âmbitos da psicologia, da pedagogia, da sociologia, da ética e da filosofia. Propõe um maior ajustamento dos saberes científicos com os elementos da concretude da realidade do povo latino-americano e a orientação para a prática no lugar de ocupar-se com elaborações teóricas e práticas interpretativas (OSÓRIO, 2009). Dessa forma, tem-se que a Psicologia da Libertação, que tem como principal representante o padre jesuíta Ignacio Martín-Baró, incorpora da Teologia da Libertação a opção preferencial pelos pobres e inscreve como elemento primordial o debate sobre o compromisso social da Psicologia (WOLF, 2009).

Entretanto, mesmo após trinta e dois anos da produção por Martín-Baró do artigo “Psicodiagnóstico da América Latina” em 1972, percebe-se que não há, no cenário da psicologia, investigações recentes com o intuito de fazer um levantamento de materiais elaborados tendo como referência a Psicologia da Libertação.

O presente artigo visa apresentar o andamento das atividades do Grupo de Pesquisa “Psicologia da Libertação”, vinculado à Coordenadoria do Programa de Iniciação Científica (PROIC) da Faculdade Luciano Feijão. Diante do cenário teórico e prático da psicologia que fora apresentado, a pesquisa que deu origem a esta produção tem como pergunta de partida: “como as produções científicas em psicologia que tem abordado os

referenciais teóricos da Psicologia da Libertação definem este campo de conhecimento, suas propostas e desafios de intervenção?”.

O principal objetivo da pesquisa é investigar as produções científicas em psicologia que tem como referencial teórico a Psicologia da Libertação. Como objetivos específicos, tem-se: a) Descrever as conceituações de psicologia da libertação e os objetivos de atuação a ela atribuídos e apresentados nas produções analisadas, b) Identificar os conceitos e as categoriais teóricas abordadas nas produções; c) Descrever os contextos de intervenção apresentados; d) Compreender as dificuldades e as facilidades apresentadas pelos autores em intervir em seus contextos de investigação, e) Facilitar a familiarização do acadêmico de psicologia com a prática de pesquisa científica.

Neste artigo, primeiramente, será apresentado o percurso metodológico de desenvolvimento da pesquisa, abordando as etapas propostas e já realizadas. Em seguida, serão explanados os conteúdos teóricos (conceitos e categorias) presentes nas obras de Martín-Baró e que fornecem uma compreensão geral dos fundamentos da Psicologia da Libertação. Os resultados da pesquisa bibliográfica realizada serão discutidos em seguida, fornecendo uma visão geral das produções disponíveis na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

A relevância desta pesquisa encontra-se na possibilidade de o acadêmico de psicologia estabelecer contato a perspectiva teórica da Psicologia da Libertação, além de favorecer a realização de um estudo sistemático sobre as produções científicas brasileiras e seus avanços teóricos e metodológicos deste campo de conhecimento.

## METODOLOGIA

A pesquisa se insere no âmbito da pesquisa bibliográfica que, segundo afirma Gil (1999), designa uma estratégia de investigação que permite a cobertura de uma ampla gama de fenômenos disponibilizados elaborações científicas. Ao se constituir como fundamentação metodológica de uma pesquisa independente, a análise bibliográfica pode ser definida como uma revisão crítica de literatura, que, ancorada em critérios metodológicos e críticos, permite a diferenciação dos trabalhos acadêmicos segundo sua coerência com o objetivo da pesquisa.

A pesquisa bibliográfica, em certo sentido, baseia-se nos princípios de que o conhecimento científico é sistemático, acumulativo, explicativo e falível. A sistematicidade que envolve as ciências dispõe sobre o fato de que o conhecimento é

composto por um sistema de idéias logicamente inter-relacionadas que favorecem a construção de um corpo de uma teoria. Seu poder acumulativo, por sua vez, refere-se ao fato de que o saber é fruto de um contínuo selecionar de conhecimentos significativos e operacionais, que buscam explicar os fatos em termos de leis e princípios. Contudo, embora seja intrínseco ao conhecimento sua capacidade de sistematização, acumulação e explicação, é a consideração do saber como algo falível, não definitivo, absoluto ou final que permite o progresso científico por meio da incorporação contínua de revoluções (MARCONI; LAKATOS, 2010).

Dessa forma, o resgate de trabalhos científicos tomando como base um recorte temporal favorece a compreensão da racionalidade sobre a qual se ancorou o olhar sobre os fenômenos observados. Para Amaral (2007), são objetivos possíveis de serem alcançados com a pesquisa bibliográfica: fazer um histórico sobre o tema, atualizar-se, encontrar respostas aos problemas formulados e levantar contradições sobre o tema.

Neste estudo, compreendeu-se que, uma vez ancorados em uma revisão sistemática de conteúdos seria possível investigar as produções científicas em psicologia que tinham como referencial teórico a Psicologia da Libertação. Dessa forma, à princípio, decidiu-se delimitar a pesquisa a procura de trabalhos publicados na Biblioteca Nacional Brasileira de Teses e dissertações (BDTD). Contudo, visto que o resultado da busca realizada teve uma maior quantidade de trabalhos envolvendo a Teologia da Libertação, percebeu-se a relevância da ampliação da busca, estendendo a investigação aos trabalhos disponibilizados junto ao Portal Periódicos CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

Até o momento, a metodologia de trabalho empregada cumpriu com ações das 05 etapas propostas. São elas:

**1ª. Etapa:** Oficina de Pesquisa em Psicologia Social: Esta etapa foi realizada em agosto de 2013. Foram apresentados dos temas fundamentais relativos às pesquisas desenvolvidas no âmbito da psicologia social.

**2ª. Etapa:** Revisão Geral de categorias psicológicas segundo a Psicologia da Libertação: Esta etapa foi realizada em setembro de 2013. Consistiu no processo de apropriação pelos participantes do grupo de pesquisa dos principais conteúdos relativos à Psicologia da Libertação. Foi feita uma tabela de conceitos e categorias referentes ao levantamento empreendido. Esta etapa contou com processos de leitura crítica e discussão de textos durante o desenvolvimento das reuniões semanais de pesquisa.

**3ª. Pesquisa Bibliográfica (Revisão Integrativa):** Esta etapa ainda esta em andamento, refere-se ao trabalho de campo propriamente dito. Usamos como cenário de identificação a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), que integra os sistemas de informação de teses e dissertações existentes nas instituições de ensino e pesquisa brasileiras. Estão sendo cumpridas as etapas propostas no modelo de Revisão Integrativa que expressa o desenvolvimento de três sub-etapas: construção de um banco de dados bibliográficos, seleção e análise geral dos documentos do banco de dados e análise de conteúdo temática dos documentos. Na construção do banco de dados bibliográficos, foram eleitos critérios de inclusão e exclusão dos materiais analisados em convergência com os objetivos da Pesquisa. Como palavra-chave/descriptor utilizou-se o termo “libertação”. Na Seleção e análise geral dos documentos do banco de dados, foram recuperados e codificados os resumos das publicações obtidas no desenvolvimento da primeira sub-etapa. Foi elaborado um Formulário de Registro de Dados para análise de resumos e trabalhos completos. Nesta etapa, tendo em vista a análise do material obtido, será utilizado o software de Análise Qualitativa ATLAS TI como instrumento que potencializa a análise de conteúdo temática.

**4ª. Sistematização dos resultados obtidos segundo cada objetivo específico da pesquisa:** Está etapa ainda não foi realizada. Assim ainda serão sistematizados os conceituações de psicologia da libertação, a noção de sujeito e os objetivos a ela atribuídos e apresentados nas produções analisadas, os conceitos e as categoriais teóricas abordadas nas produções; a caracterização dos contextos de intervenção apresentados; as dificuldades e as facilidades apresentadas pelos autores em intervir em seus contextos de investigação.

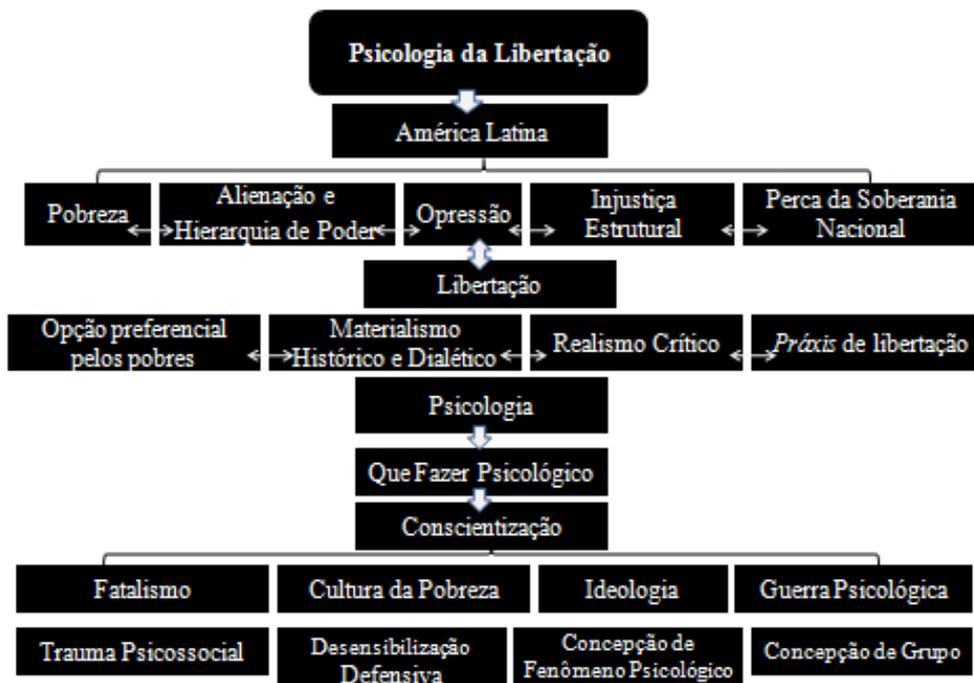
**5ª. Elaboração de Produções com os resultados da Pesquisa:** Está etapa está em desenvolvimento, visto que no decorrer da pesquisa estão sendo elaboradas produções de trabalhos. Até o momento, foi apresentado trabalho, que foi publicado na modalidade artigo completo, na Semana de Pesquisa e Extensão de uma universidade cearense. O trabalho teve como título “Psicologia da Libertação e suas contribuições para a atuação do psicólogo”.

É interessante destacar que, a divisão do processo de pesquisa em etapas não representa uma organização fixa, mas sim a possibilidade de que o andamento da investigação esteja coerente com os objetivos iniciais propostos.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como resultados preliminares da pesquisa elaborou-se um esquema conceitual (Figura I), conforme pode ser observado abaixo, através do qual é possível visualizar as relações existentes entre os conceitos fundamentais presentes na Psicologia da Libertação.

Figura I – Esquema Conceitual relativo à Psicologia da Libertação



Fonte: Elaborado pelos autores.

A Psicologia da Libertação nasce na realidade latino-americana como proposição teórica, prática e ética que solicitava a superação do horizonte do sistema social estabelecido, marcado pela pobreza, pela opressão, pela injustiça estrutural e pela perda da soberania nacional. Trata-se de características resultantes das dinâmicas opressoras vivenciadas desde o seu período de colonização (SPRANDEL, 2004) e que contribuíram para rígidas estratificações das sociedades. Na atualidade, a perpetuação de relações autoritárias de poder, advindas da exploração colonizadora (FANON, 2001), mantém-se à medida que ainda são contabilizadas pequenas minorias ricas e imensas maiorias miseráveis.

É, pois, na estruturação injusta dos sistemas sociais que se encontram os problemas fundamentais da área centro-americana, que se mantém secularmente por meio da “aplicação de mecanismos violentos de controle e repressão social, que tem

impedido ou frustrado todo esforço histórico para mudar e mesmo reformar estruturas sociais mais opressivas e injustas” (MARTÍN-BARÓ, 1996, p.8).

Observando esta relação cíclica injustiça ↔ pobreza ↔ opressão, a psicologia e seus saberes distanciados da realidade das maiorias populares são colocados em questão. O fenômeno psicológico, até então fortemente concebido a partir de uma lógica mecanicista e reducionista, passa a ser analisado segundo uma perspectiva dialética (IBÁÑEZ, 2009). Sobre este aspecto, Martín-Baró (2003, p.293) afirma que:

a unidade de análise não pode ser, pois, o simples proceder individual, por mais expressivo ou importante que nos pareça. A unidade de análise tem que ser precisamente essa estrutura de relação sujeito-objeto, indivíduo-mundo.

O sujeito, segundo esta perspectiva, passa a ser observado como capaz de interferir na sua realidade, mas sendo constantemente influenciado por ela. Nesse sentido, entende-se que a alienação, a rigidez estrutural e a hierarquia de Poder contribuem para que os sujeitos latinoamericanos associam sentidos sobre si e sobre o mundo que são forjados a partir das circunstâncias de opressão (MARTÍN-BARÓ, 1998). A proposição de um horizonte de libertação como caminho possível se inscreve como tarefa histórica, que deve se ancorar na afirmação de suas opções preferenciais, no materialismo histórico-dialético como fundamentação teórica, no realismo crítico e na ideologia como aspecto que influencia o modo dos sujeitos se colocarem no mundo.

A Psicologia da Libertação, inspirada na Teologia da Libertação, afirma a opção preferencial por trabalhar com os sujeitos advindos de situações de pobreza coletiva. São indivíduos considerados como sujeitos epistêmicos, portadores de conhecimento e capacidade de exercer seu protagonismo no processo de superação de condições adversas de vida para assim alcançar seu bem-estar físico, social e psicológico (WOLF, 2009).

Segundo Martín-Baró (1998), a ideologia deve ser concebida como aspecto que influencia os sistemas de valorações a partir dos quais os homens desenvolvem suas relações, elaboram sua consciência sobre o mundo e definem os passos de sua história. Frente a esta questão, tem-se que os componentes ideológicos influenciam os comportamentos e pensamentos dos sujeitos sobre seu mundo externo, o que põe em discussão a suposta neutralidade da ciência psicológica. Afinal, se todos os sujeitos sofrem influências dos valores que compartilham em uma dada realidade histórico cultural, os psicólogos não estariam livres dessas influências.

Coerente com esta reflexão, o realismo crítico presente na Psicologia da Libertação consiste na adoção de uma postura ao mesmo tempo metodológica, epistemológica e política originada de uma forte crítica ao idealismo metodológico presente no saber psicológico durante longo período (NEPOMUCENO *et al*, 2008) . Com isso, tem-se que não são os conceitos e as teorias que devem buscar sua correspondência na realidade, mas sim o real que deve ser o elemento fundamental na para a proposição de caminhos científicos (MARTÍN-BARÓ, 1998).

Segundo proposto por Martín-Baró (1996), é imprescindível à psicologia ter seu “que fazer” voltado para a desideologização da realidade, o que inscreve a conscientização como horizonte primordial. Originado de Paulo Freire (1970), o termo conscientização se refere ao processo de transformação pessoal e social que experimentam os oprimidos latino-americanos quando se alfabetizam em dialética com o seu mundo. A inscrição da conscientização como papel do psicólogo solicita que a centralização da psicologia como correlato dialético entre a compreensão dos aspectos pessoais e sociais, pois pressupõe a mudança das pessoas no processo de mudar a sua realidade (MARTÍN-BARÓ, 1996).

Martín-Baró inscreve em sua obra outros conceitos fundamentais para a compreensão da Psicologia da Libertação. São eles: fatalismo, cultura da pobreza, guerra psicológica, trauma psicossocial, desensibilização defensiva e concepção sobre grupo. A análise da realidade do povo de El Salvador, cenário de vida e trabalho de Martín-Baró, permitiu que ele desenvolvesse a noção do fatalismo como fenômeno psicossocial intimamente relacionado com a maneira dos sujeitos compreenderem a si e o seu entorno e expresso em uma tripla vertente: ideacional, afetiva e comportamental. De acordo com o autor Martín-Baró (1998, p.89-90), o Fatalismo

constitui uma relação de sentido entre as pessoas e um mundo que se encontra fechado e incontrolável, quer dizer, se trata de uma atitude continuamente causada e reforçada pelo funcionamento opressivo das estruturas macrossociais. A criança das favelas ou barracos marginais introjeta o fatalismo não tanto como uma herança paterna, quanto como fruto de sua própria experiência frente à sociedade.

São as condições materiais, portanto, que reforçam a manutenção do fatalismo ao contribuírem para a perpetuação da cultura da pobreza, que se constitui tanto como uma forma de adaptação como de reação dos pobres diante das privações que vivenciam. Assim, tem-se que “uma vez estabelecida a cultura da pobreza, nela estará a causa do

fatalismo na população, independentemente se as condições sociais mudem ou não” (MARTÍN-BARÓ, 1998, p. 89).

Martín-Baró (1995, 1998) previu que, à época dos governos ditatoriais das décadas de 1970 e 1980, a expressão mais perniciosa dos combates instaurados não era a luta militar, mas sim a guerra psicológica. Este tipo de guerra tem como intuito obter a vitória através da conquista das mentes e corações dos inimigos. São desenvolvidas estratégias bélicas, mas não militares no sentido estrito (MARTÍN-BARÓ, 1998), que vão da desmoralização do rival, do convencimento de sua inadequação ou incapacidade de seguir lutando, até o questionamento das razões do conflito e busca por diferentes formas de resolvê-lo. Menosprezar a legitimidade da luta e convencer o sujeito de sua incapacidade correspondem, segundo esta ótica, a uma eficiente estratégia de luta e dominação psicológica. Nesse sentido a insegurança psicológica corresponde

a insegurança acerca das próprias crenças, insegurança sobre o próprio julgamento, insegurança sobre os sentimentos que experimentam, insegurança sobre o que é bom ou mal, sobre o que pode e deve fazer e sobre o que não pode nem deve fazer (MARTÍN-BARÓ, 1998, p.232)<sup>5</sup>.

Diante deste cenário, o trauma psicossocial se refere à “conseqüência normal do funcionamento de um sistema social” (MARTÍN-BARÓ, 2003, p.291) que corrobora para uma constante sensação de estar à mercê dos cotidianos elementos desfavoráveis. Progressivamente, vai sendo instaurado sentimento de impotência ou desesperança aprendida, termo originário de Ardila (*apud* MARTÍN-BARÓ, 1998), perpetuado diante dos muitos investimentos frustrados em mudar a realidade. Por conseguinte, a desensibilização defensiva representará o progressivo distanciamento emocional de aspectos negativos e que trariam grande mobilização emocional para os sujeitos. Martín-Baró (2003) percebeu que embora frente a fatos de caráter traumatizante a criança reaja de modo imediato e sob fortes elementos emocionais (gritos, lamentos, terror), lhe é conveniente a adoção, em momentos seguintes nos quais se perpetuem essas condições, de padrões relativamente estáveis de insensibilidade emocional.

A Psicologia da Libertação propõe que a alteração das condições de vida degradantes e que contribuem para a perpetuação da cultura da pobreza, do fatalismo deve ser potencializada através do trabalho com grupos. Afinal, é neste espaço que são

<sup>5</sup> Segundo o original (MARTÍN-BARÓ, 1998, p.232): “inseguridad acerca de las propias creencias, inseguridad sobre el propio juicio, inseguridad sobre los sentimientos que se experimentan, inseguridad sobre lo que es bueno y es malo, sobre lo que puede y debe hacerse o sobre lo que no se puede ni debe hacer”.

potencializados os aspectos estruturais vividos pelos sujeitos. De acordo com Martín-Baró (1989, p.207), “o grupo tem sempre uma dimensão de realidade referida a seus membros e uma dimensão mais estrutural, referida à sociedade em que se produz. Ambas dimensões, a pessoal e a estrutural, estão intrinsecamente ligadas entre si”.

A formulação de uma lógica de libertação dos povos oprimidos, é de grande valia para a intervenção do psicólogo na atualidade, visto que nossa formação ainda é pautada em teorias de caráter fundamentalmente burguês. Dessa forma tarefas urgentes (MARTÍN-BARÓ, 1998) são propostas a uma nova práxis psicológica, necessárias ao desenvolvimento de uma psicologia social crítica. São elas: o resgate da memória histórica dos povos; a desideologização do senso comum e da experiência cotidiana; a potencialização das virtudes dos povos latino-americanos; a organização social das maiorias populares; e a exploração de novas formas de consciência. Essas tarefas são necessárias para formar a conscientização dos povos, ou seja, propõe que o quefazer do psicólogo busque a desideologização das pessoas e grupos, que as ajude a chegar a um saber crítico sobre si próprios e sobre sua realidade. Conduzindo as pessoas a superação do presentismo, para a recuperação das raízes históricas e para a desnaturalização dos fenômenos, havendo assim a quebra dos paradigmas instalados imaginariamente que impedem novas formas de pensar a realidade, pois o conhecimento do senso comum pauta-se em uma concepção não concreta.

É necessário também potencializar as virtudes dos povos latino-americanos, reforçando o que há de mais valioso para o desenvolvimento desses povos e rompendo crenças preconceituosas e pejorativas. Para superar o individualismo e alcançar um sentimento de comunidade, é importante que haja uma organização social fazendo com que o individuo perceba-se membro passível de poder e glória.

Durante o levantamento bibliográfico sistemático junto à Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, foi possível identificar a existência de 100 teses e dissertações associadas ao descritor ‘libertação’. Contudo, destas apenas 71 (setenta e um) foram recuperadas. Dentre o material disponível para consulta na íntegra, observou-se que apenas uma dissertação estava relacionada à psicologia, havendo 44 trabalhos associados ao campo da Teologia da Libertação e 10 vinculados à educação. Tais dados reforçam a perspectiva de que a Psicologia da Libertação é um dos campos científicos que desenvolveram vertentes intituladas “da libertação” no contexto histórico e político da América Latina dos anos de 1970. Nesse sentido, é possível falarmos da constituição da Teologia da Libertação, da Pedagogia da Libertação, da Ética da

Libertação como um conjunto de conhecimentos que se ancora na perspectiva de que existe, no cenário latinoamericano, “uma rede de relações que causam o oposto da libertação, que é a opressão, a dominação” (GUARESCHI, 2009, p.56).

Outro aspecto a ser considerado diz respeito ao fato de que a Psicologia da Libertação congrega formulações nos âmbitos da psicologia, da pedagogia, da sociologia, da ética e da filosofia, constituindo-se como um campo de conhecimento interdisciplinar. A existência de poucos trabalhos relacionados ao saber psicológico pode trazer como elemento para análise, ainda, o incipiente processo de aproximação dos acadêmicos e profissionais com os conteúdos teóricos e metodológicos da Psicologia da Libertação. Tal constatação culmina em um importante desafio para os espaços de formação universitária, posto que é imperativo a aproximação de estudantes de psicologia com campos de conhecimento que se fundamentem na análise estrutural e crítica da realidade social, assim como proposto pela Psicologia da Libertação.

## CONSIDERAÇÕES

Pode-se concluir, tomando por base as investigações empreendidas até aqui, que a Psicologia da Libertação se apresenta como um importante campo de conhecimento científico que busca desenvolver suas concepções teóricas a partir da realidade das maiorias populares latinoamericanas. O quefazer psicológico, concebido como grande objetivo da intervenção em psicologia com vistas à libertação, inscreve tarefas urgentes aos psicólogos. É, portanto, importante destacar que a conscientização somente será possível através do resgate da memória dos povos, da potencialização das virtudes populares e da desideologização do cotidiano.

A baixa incidência de teses e dissertação no campo da psicologia e que tem o descritor libertação fornece como indicativo o desafio de que, caso a psicologia deseje contribuir efetivamente para a transformação das condições adversas de vida dos grandes contingentes populacionais, precisará inicialmente enveredar por novos caminhos, discutindo a realidade e propondo métodos coerentes de intervenção.

## REFERÊNCIAS

ÁLVARO, J.L.; GARRIDO, A. *Psicologia Social: perspectivas psicológicas e sociológicas*. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

BOCK, A. M. B. Psicologia e sua ideologia: 40 anos de compromisso com as elites. In A. M. B. Bock (Org.), *Psicologia e compromisso social*. São Paulo: Cortez, 2003.

FANON, F. *Los condenados de la tierra*. 3ª. ed. México: FCE, 2001.

FREIRE, P. *Conscientização*. São Paulo: Moraes, 1970.

GIL, A.C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999.

GUARESCHI, P.A. Pressupostos Epistemológicos Implícitos no Conceito de Libertação. In: LACERDA JUNIOR, F.; GUZZO, R.S.L. (Org.) *Psicologia & Sociedade: interfaces no debate sobre a questão social*. Campinas, SP: Alinea, 2010.

IBÁÑEZ, L. C. A Psicologia Social de Martín-Baró ou o Imperativo da Crítica. In: LACERDA JUNIOR, F.; GUZZO, R.S.L. (Org.) *Psicologia & Sociedade: interfaces no debate sobre a questão social*. Campinas, SP: Alinea, 2010.

MARCONI, A.M.; LAKATOS, E.V. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Atlas, 2006.

MARTÍN-BARÓ, I. *Sistema, grupo y poder*. Psicologia social desde Centroamérica II. San Salvador: El Salvador, 1989.

\_\_\_\_\_. Processos Psíquicos y Poder. In: MARTÍN-BARÓ. *Psicología de la Accion Política*. Buenos Aires: Paidós, 1995.

\_\_\_\_\_. O papel do Psicólogo. In: *Rev. Estudos de Psicologia*, v.2, n.1, p. 7-27, 1996.

\_\_\_\_\_. *Psicología de la liberación*. Madrid: Trotta, 1998.

\_\_\_\_\_. *Poder, ideologia y violència*. Madrid: Trotta, 2003.

\_\_\_\_\_. Desafios e Perspectivas da Psicologia Latino-Americana. In: GUZZO, R.S.L; LACERDA, JÚNIOR, F. *Psicologia Social para a América Latina: o resgate da Psicologia da Libertação*. São Paulo: Alínea, 2009.

NEPOMUCENO, L.B. *et al.* Por uma psicologia comunitária como práxis de libertação. In: *Psico*. v. 39, n. 4, pp. 456-464, out./dez. 2008.

OSÓRIO, J.M.F. Ética e Construção Social da Libertação Latino-Americana. In: GUZZO, R.S.L; LACERDA, JÚNIOR, F. *Psicologia Social para a América Latina: o resgate da Psicologia da Libertação*. São Paulo: Alínea, 2009.

SPRANDEL, M. A. *A pobreza no paraíso tropical: interpretações e discursos sobre o Brasil*. Relume Dumará: Rio de Janeiro, 2004.

WOLFF, E.Á. Uma psicologia para América Latina. In: GUZZO, R.S.L; LACERDA, JÚNIOR, F. *Psicologia Social para a América Latina: o resgate da Psicologia da Libertação*. São Paulo: Alínea, 2009.